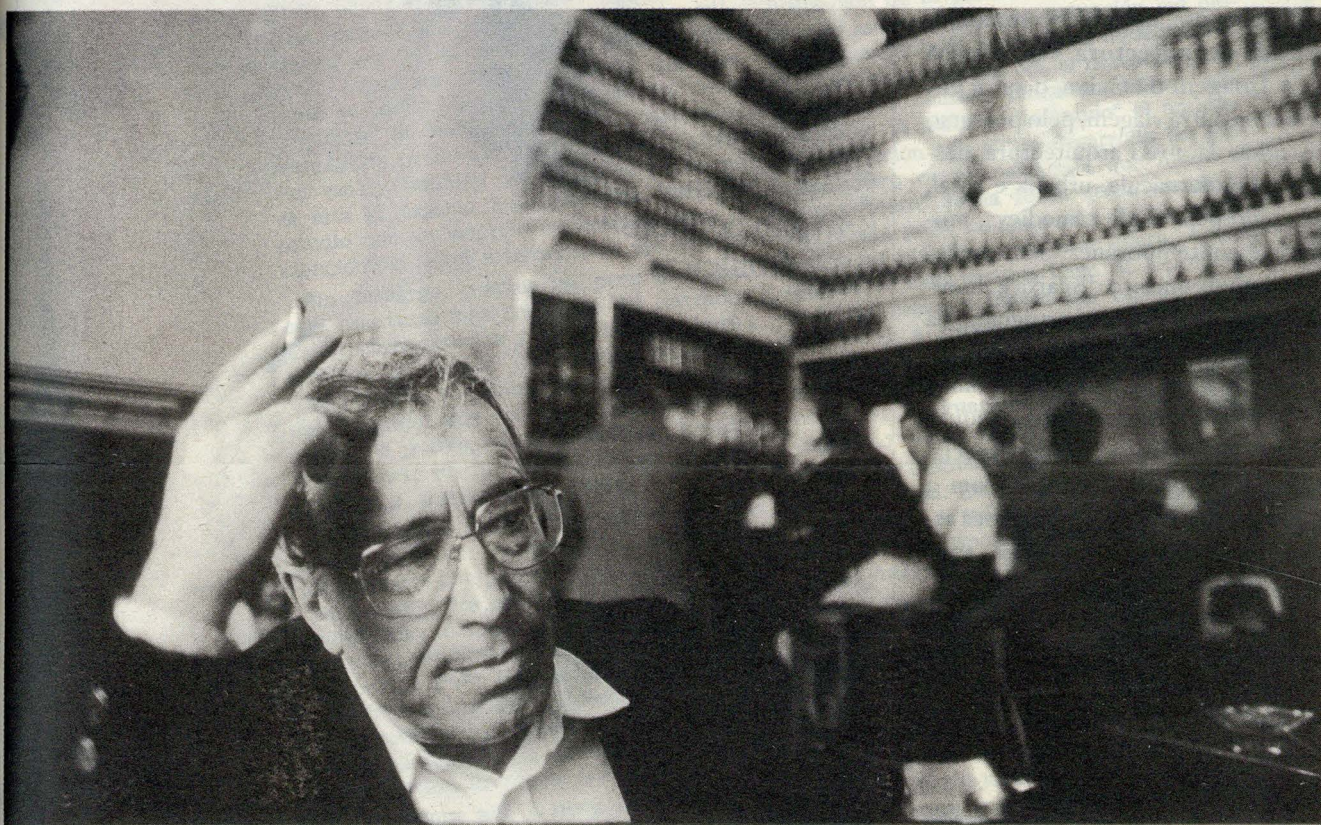


LAVAGANTE EXCELENTÍSSIMO

Nelson de Matos inaugura a sua nova editora com uma narrativa inédita do amigo José Cardoso Pires, desaparecido faz este ano uma década



Ficção de José Cardoso Pires retrata a asfixia provocada pela Censura e pela PIDE

Na sua obra ficcional, sobretudo a publicada antes do 25 de Abril, José Cardoso Pires recorreu várias vezes aos elementos clássicos da fábula, utilizando-os para abrir alçapões na prosa que permitissem escapar ao escrutínio da Censura ou, mais tarde, à pobreza das leituras em primeiro grau. Esta estratégia é evidente em *O Anjo Acorado* (1958) e na sátira *Dinossauro Excelente* (1972), mas também em *Lavagante — Encontro Desabitado*, pequena novela lançada agora por Nelson de Matos, com o beneplácito da mulher e das filhas do escritor (uma das quais, Ana Cardoso Pires, se responsabilizou pela revisão e fixação do texto). Um texto que conheceu pelo menos três versões manuscritas e outras tantas dactilografadas — desenvolvimentos de um esboço publicado na revista «O

Tempo e o Modo» em 1963 —, supondo-se que foi concluído antes da edição do romance *O Delfim* (1968).

Se o mero, apanhado a dormir pelo pescador subaquático em *O Anjo Acorado*, pode ser visto como símbolo de uma certa letargia que contamina as personagens burguesas do romance, distantes da realidade das coisas, e o Dinossauro é um retrato demolidor de Salazar, já a fábula do lavagante se revela muito menos óbvia. É o narrador quem a introduz, no início do segundo capítulo: «Então expliquei-lhe que o lavagante é principalmente um animal de tenebrosa memória, paciente e obstinado, e terrível nos seus de-

to o papel do safio como o do lavagante. Daniel Lobo, médico ligado aos meios oposicionistas, enamora-se de Cecília, uma estudante de Arquitectura que gosta de Miles Davis, prefere Bergman a Visconti e dá a medo os primeiros passos no sentido de «devenir femme» (à francesa, imitando Simone de Beauvoir). Ele é lavagante quando a tenta moldar aos seus desígnios, levado pela «velha costela de Pigmaleão que todos nós temos»; ela quando acaba por o trair, ao sentir-se à margem «dum universo comprometido numa luta de vida ou de morte» (as manifestações proibidas do 1.º de Maio). Ambos são o safio quando se deixam aprisionar pelas circunstâncias — ele de forma literal, ao ser apanhado ingenuamente numa rusga da PIDE; ela ao deitar tudo a perder, numa sequência de ignomínia e arrependimento digna de um «fado lamechas».

Quem conta a história deste amor falhado é um amigo de Daniel, que descobre a verdade acerca de Cecília enquanto bebe vinho, num bar da praia, com um jornalista da geração de 45 (atormentado por a Censura lhe ter feito a mão «medrosa»). Nesse momento, Daniel ainda está preso e o narrador vê a rapariga de rosto «soberano» com um fascista, «carrasco de negra crónica», a cujo longo cerco ela cedeu. Depois, já com o amigo em liberdade, é num cenário igualmente imóvel e etílico, sob um alpendre, que ele escuta durante uma noite inteira a evocação que Daniel faz de um «tempo vencido», sabendo à partida como tudo acabará.

Embora sem o fôlego e o acabamento literário dos melhores livros de Cardoso Pires, *Lavagante* é um belo texto e o retrato lúcido do que era Portugal no início dos anos 60: um país asfíxiante, à mercê das «garras afiadas» do medo que tudo devorava. Ou, como se diz a certa altura, um país «em plena Idade Média, com astronautas a voar por cima».

José Mário Silva
actual@expresso.pt

signios. Conte-lhe como ele serve o safio que está nas tocas submersas, levando-lhe comida a todas as horas, e como a sua existência anda presa a essa serpente estúpida de grandes sonos, vendo-a engordar, engordar, até saber que a tem bloqueada, incapaz de sair do buraco porque o corpo cresceu de mais, enovelou-se, e não cabe na abertura por onde podia libertar-se. 'Nesse momento, fica sabendo, o lavagante servil aparece à boca da toca do safio mas já não traz comida. Vem de garras afiadas devorar o grande prisioneiro que alimentou durante tanto tempo.'»

Uma metáfora tão forte corria o risco de explicar tudo num parágrafo, fazendo da narrativa uma simples caricatura moral. Mas não é isso que acontece, entre outras coisas porque as duas personagens principais — Daniel e Cecília — vão desempenhando à vez tan-



Lavagante
— Encontro Desabitado

José Cardoso Pires

Edições Nelson de Matos,
2008, 89 págs., €10